

LINGUAGEM E MITO - UMA CONCEPÇÃO DE SENTIDO E DE TEXTO*

Eduardo Guimarães

DL - IEL/LABEURB - UNICAMP

MEU PRIMEIRO contato com Bréal foi sob a forma dos relatos das histórias da Lingüística e da semântica. Nestes ele aparece, como todos sabemos, e no Brasil não é diferente, como o introdutor do termo *semântica* e como o iniciador da semântica.

A partir de 1988, me dediquei de modo direto à tarefa de estudar a obra de Bréal para traduzir seu *Éssai de sémantique* para o Português, no Brasil. Esta tradução foi publicada em 1992.

Já como parte de meus estudos no Projeto História das Idéias Lingüísticas no Brasil, pude observar que o pensamento de Bréal, ao lado do de Darmesteter e do comparativismo em geral, tem uma clara presença no pensamento brasileiro dos últimos 20 anos do século XIX. Neste período, em que no Brasil se deu a gramatização brasileira do Português (Guimarães, 1994)¹, foram publicadas várias gramáticas de autores brasileiros. Praticamente todas elas com forte filiação ao comparativismo, que era utilizado como argumento fundamental para romper com a tradição gramatical presente no Brasil a partir do pensamento português. Em algumas destas gramáticas, como a segunda edição da *Grammatica da Lingua Portugueza* (1894), de Pacheco Silva e Lameira de Andrade, encontra-se uma parte dedicada à semântica.

Por outro lado, em 1903, é publicada a primeira obra de semântica no Brasil, *Noções de Semântica*, de Pacheco Silva Jr. Esta publicação é póstuma.

Deste modo, desde o final do século XIX, a presença do pensamento de Bréal percorre mais explícita ou implicitamente a lingüística no Brasil. Presença que, de algum modo, se torna mais distante e acaba por tornar-se uma obra de referência para a História do pensamento sobre a linguagem.

A obra de Bréal aparece no Brasil, então, basicamente, como a obra de um semanticista, de um comparatista. Ao lado disso, podem-se encontrar

aspectos de sua reflexão sobre educação em pensadores brasileiros do final do século XIX, como Rui Barbosa, por exemplo.

Assim, no Brasil, e mesmo de modo geral, até onde tenho podido acompanhar, há uma parte da obra de Bréal que tem tido uma atenção menor daqueles que se ocupam de seu pensamento. Trata-se de seu trabalho sobre os mitos e as inscrições em peças e monumentos.

Lembre-mo-nos de que ele se doutorou com dois trabalhos relativos aos mitos: *Hércules et Cacus. Étude de Mythologie Comparée* e *Des Noms Perses dans les Écrivains Grecs*. Lembre-mo-nos, também, de que, no seu *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, de 1877, ele reúne os textos fundamentais desta sua primeira produção, ao lado de outros que se dirigem já para sua obra de semanticista.

É de aspectos de seus estudos sobre os mitos que quero me ocupar aqui hoje. Não como especialista em mito, que não sou. O que me interessa é encontrar aí uma concepção de sentido que, de algum modo, prepara sua semântica. Concepção que apresenta alguns contornos particulares porque está, de algum modo, vinculada com uma certa concepção de textualidade. Ao lado disso, nos seus estudos sobre mitos aparecem algumas questões importantes, como sua concepção de linguagem, considerando a relação desta com o pensamento.

1. Para Bréal, era necessário tirar o estudo dos mitos do lugar da simples hermenêutica de conteúdos. Isto poderia, segundo ele, ser feito pela utilização do método filológico nas pesquisas sobre mitologia. E aqui é interessante ver o que ele próprio diz:

“(...) o estudo comparado das línguas não fornece somente o meio de encontrar o sentido primitivo das fábulas, mas permite, ao mesmo tempo, explicar-lhes a formação” (1863: 1).

Está aqui posto, pelo “explicar-lhes a formação”, o objetivo de encontrar não só os sentidos do mito, mas, mais que isso, sua formação. E, opondo-se a uma abordagem simplesmente hermenêutica, diz ele mais à frente:

“Procuraremos provar que é possível surpreender os mitos no momento mesmo de sua eclosão e dar conta da forma que adotam” (idem: 2).

Assim, o que lhe interessa é a forma que os mitos adotam neste ou naquele caso. E isto para ele está ligado à necessidade de estudar a relação do

mito com a língua em que está constituído. Acompanhem os passos de sua argumentação. Inicialmente, pergunta:

“De onde vêm, pois, estas imagens que se encontram na poesia primitiva de todos os povos de raça ariana?” (idem: 8)

Ele próprio responde:

“Da linguagem, que as criou espontaneamente, sem que o homem tenha aí qualquer papel. A influência da linguagem sobre o pensamento, pouco observada em geral, desapercibida na antigüidade, não é menos considerável: pode-se comparar a linguagem a um vidro que atravessa nossas concepções, mas colorindo-se com suas nuances. Habitados com este intermediário, prestamo-lhe tão pouca atenção que, mesmo antes de expressar um pensamento, ele se colore no nosso espírito com as cores da linguagem” (idem: 8).

Ou seja, para ele, a linguagem não é só um intermediário transparente para o pensamento. A linguagem assume as cores do pensamento, de tal modo que não é mais possível expressar os pensamentos sem as cores da linguagem. A linguagem não é, para ele, um instrumento de expressão do pensamento; a linguagem tem um papel na constituição do pensamento. E há um passo que leva esta posição um pouco mais adiante. Ao falar de transformações nos mitos decisivas no processo de sua constituição, transformações que se dão na medida em que certos aspectos da fábula primitiva não são mais compreendidos, ele nos diz:

“É assim que as fábulas se formaram. Pode-se dizer a rigor que o homem nada tem a ver com isso; as causas são as situadas fora dele, é a língua com suas variações que é o verdadeiro autor da mitologia; melhor dizendo, é o homem que, criando as categorias e as formas gramaticais, empregando para expressar seu pensamento termos enérgicos e coloridos, criando sua linguagem, não somente com a razão, mas com sua imaginação, preparou desde o início os elementos da mitologia: ele não teve necessidade de inventar as fábulas uma a uma; lançadas na matriz poética da língua, suas idéias animam-se por si mesmas e só esperam uma ocasião para tornarem-se mito.” (idem: 11).

Bréal está aqui dizendo que a constituição do mito, algo que se constrói com linguagem, não é uma criação do homem, mas é uma criação da linguagem, da língua que o homem fala. O que constitui o mito é exterior ao

homem, é exterior ao sujeito. A criação do mito diz respeito à história das línguas. À história do sentido das formas das línguas.

Antes de ir adiante, é interessante registrar, neste passo, uma certa concepção de língua, que inclui uma autonomia relativamente ao Homem que a usa. Língua aqui é um produto na história. E de que modo se produz este produto histórico? Pela ação do Homem que cria as categorias e as formas gramaticais, que cria sua linguagem pela razão e pela imaginação. A língua é uma língua entre as línguas. E é enquanto produzida na história que a língua tem autonomia em relação ao Homem. Um aspecto interno a este é que as línguas têm nelas uma matriz poética como parte deste objeto autônomo.

2. No seu trabalho sobre os mitos, temos, pois, uma situação em que o estudo das formas tem uma importância para pensar a significação do texto. E isto não diz respeito às relações intratextuais. O que está em questão é a relação de uma forma da língua com a história do texto. Nós podemos ver isso a propósito do seu artigo sobre o mito de Édipo.

Quanto à textualidade, o mito não é um texto. O mito pode se apresentar por diversos textos, que as pessoas produzem para contá-lo. E, em certas condições históricas, isto não muda o mito. O mito é uma memória que se apresenta em todos estes diversos textos. E, como memória, lembra e esquece, e abre o caminho para a mudança. Tomemos aqui o que Bréal coloca sobre a história de Ixíon. Segundo ele, num primeiro momento, dizer que Ixíon é “aquele que tem uma roda ou que gira sobre uma roda” (Bréal, 1863a: 169) é só uma descrição e não a enunciação de um suplício, da mesma forma que dizer que “Ixíon ama Hera”, não traz nada de especial, já que Ixíon é um desdobraimento de Zeus, de que Hera é esposa. Num segundo momento é que o sentido de “Ixíon gira e girará sem fim sobre uma roda em chamas” passa a ser visto como o castigo a um criminoso. Neste segundo momento, a relação de Ixíon a Zeus está modificada, e assim, também, o fato de Ixíon estar amarrado a uma roda eternamente.

Ou seja, nesta perspectiva de Bréal, está subentendida a concepção de que um texto significa por sua relação com uma memória que lhe dá significação. No caso, esta memória diz respeito a um mito que significa na sua própria história e diz respeito, também, a uma relação do mito com outros. E estes mitos são vistos como outros modos do mesmo mito que vão tra-

zendo novos sentidos, novos mitos.

Quanto a este segundo aspecto, podemos tomar o fato de que ele considera que Édipo é, tal como Zeus, Apolo e Heraclés², a personificação da luz. E para dizer isso, ele relaciona Édipo, e outros personagens deste mito, com personagens de outros mitos.

3. Quanto ao mito de Édipo, vejamos como Bréal trata a questão do sentido que aí se constitui. O primeiro aspecto a considerar é, segundo Bréal, uma derivação no sentido de *Édipo* que o povo passa a ver como uma palavra ligada ao verbo *saber*. Assim, Édipo passa a ser quem sabe, quem decifra: Édipo compreende a linguagem da Esfinge.

O outro aspecto crucial, o da fatalidade, ele busca numa interessante análise etimológica. Segundo seu raciocínio, *Laio* é da mesma raiz do sânscrito *dasyu*, que quer dizer “o inimigo”. Por isso, considera que, em um primeiro momento, o que se tem é que Édipo mata seu inimigo. Depois, *Laio* passa a ser o nome do inimigo e, por fim, o nome do pai de Édipo, que é também o seu inimigo. Segundo Bréal, este último passo se dá no seio do mundo grego quando já é central a categoria da fatalidade.

Aqui está presente um aspecto decisivo para toda a semântica: não há continuidade do étimo para o sentido, questão que se pode encontrar também em uma outra mudança de sentido que ele considera em *Laos*, que significava “escravo”, e que depois passou a significar “multidão, povo, nação”. E esta mudança, segundo ele, é algo a se destacar na história da civilização grega. Neste sentido é que podemos dizer que o que faz uma forma da língua significar são suas relações com a história dos textos em que aparece. Mais especificamente, no caso que estamos considerando aqui, o sentido é uma relação do mito (os textos que o apresentam) com as palavras na língua.

4. Muitos aspectos da obra de Bréal podem ser considerados a partir deste retorno a seu estudo dos mitos. Entre tantos, gostaria aqui de lembrar a questão do elemento subjetivo. E isto por uma razão muito especial. É estimulante pensar a história dos estudos da enunciação atuais a partir do que ele diz a este propósito³.

Se tomamos os parágrafos iniciais do capítulo XXV do *Éssai de sémantique*, vemos que, para ele, pode-se considerar: 1. a linguagem como um drama em que as palavras figuram como atores e o agenciamento gramatical reproduz os movimentos dos personagens; 2. nesse drama, o pro-

dutor intervém à maneira como fazemos nos sonhos “quando somos ao mesmo tempo espectador interessado e autor dos acontecimentos” (Bréal, 1897:157). Este é o “aspecto subjetivo da linguagem” (idem: 234); 3. esse aspecto subjetivo é representado por palavras, membros de frases, formas gramaticais e pelo plano geral de cada língua (idem, *ibidem*).

Ou seja, para ele, a história diz respeito a uma relação do sujeito (do homem) com a linguagem, e há a marca da subjetividade daquele que fala naquilo que fala. E mais que isso: as línguas têm os elementos que marcam essa presença. A língua distingue e marca o mundo (ele), o sujeito - o homem - (eu) e o interlocutor, interpelado pelo *eu* (tu).

Aqui me permito citar mais uma vez Bréal, principalmente porque a simples leitura deste trecho é capaz de mostrar como certas análises de Benveniste, ao lado das diferenças evidentes, encontram aqui uma evidente filiação:

“O homem ao falar está tão longe de considerar o mundo como observador desinteressado que se pode julgar, ao contrário, que a parte que ele se dá a si mesmo na linguagem é desproporcionada. Sobre as três pessoas do verbo, há uma que ele se reserva de modo absoluto, (a que se convencionou chamar a primeira). Desse modo, ele opõe sua individualidade ao resto do universo. Quanto à segunda pessoa, ela não nos distancia ainda muito de nós mesmos, já que a segunda pessoa não tem outra razão de ser que a de achar-se interpelada pela primeira. Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem” (Bréal, 1897:161).

Deste modo, Bréal explicita uma questão importante: é porque o elemento subjetivo se marca na língua que a língua é falada no Homem, que marca seu próprio lugar no mundo quando fala, o do *eu*. Nesta medida, se poderia dizer que a vontade que faz significar é aquela que está marcada na língua. E, assim, não há como falar sem significar este aspecto subjetivo no que se fala.

Conclusão

A concepção de sentido que podemos apreender aí tem tudo a ver com um gesto decisivo para a constituição da semântica: a ruptura com uma

concepção etimológica da significação.

Formular o aspecto positivo de tal concepção pode ser considerar o sentido como uma exterioridade que significa pelas formas. O que uma forma da língua significa é a história dos textos nos quais ela esteve. E é por isso que a língua é falada nos textos de forma autônoma.

Nessa concepção do sentido, se desenha uma certa concepção de textualidade, segundo a qual um texto possui, em si mesmo, uma não-homogeneidade fundamental, uma polissemia que a história lhe atribui, para utilizar um termo de Bréal.

Compreender a formação dos sentidos de um texto é reencontrar a história de suas polissemias.

Nota

* Texto apresentado no “Colloque Bréal et le sens de la *Sémantique*”, Orléans, França, 1997, por ocasião do centenário da publicação do *Éssai de Sémantique*.

¹ Utilizo o conceito de gramatização desenvolvido por S. Auroux (1994).

² Na mitologia romana, Hécules.

³ Apresentei este aspecto em “A Lingüística é uma Ciência Histórica?” (Guimarães, 1992).

BIBLIOGRAFIA

AUROUX, S. (1992) *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BRÉAL, M. (1863) “Hércules et Cacus. Étude de mythologie” in: *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris, Hachette, 1877.

_____. (1863a) “Le mythe d’Oedipe” in: *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris, Hachette, 1877.

_____. (1897) *Ensaio de Semântica*. São Paulo, SP: EDUC; Campinas, SP: Pontes, 1992.

GUIMARÃES, E. (1992) “A lingüística é uma ciência histórica?” in:

BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. São Paulo, SP: EDUC; Campinas, SP: Pontes, 1992.

- _____. (1994) "Sinopse dos estudos do português do Brasil. A gramatização brasileira." in: *Língua e cidadania*. Campinas, SP: Pontes.
- SILVA JR., P. (1903) *Noções de Semântica*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- SILVA JR., P. e ANDRADE, L. (1894) *Grammatica da Lingua Portugueza*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.